

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

WALKIRIA FRANCISCA DEMARCHI TESSARIN

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO
UM CAMINHO À SER PERCORRIDO PELA ESCOLA

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

WALKIRIA FRANCISCA DEMARCHI TESSARIN

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO
UM CAMINHO À SER PERCORRIDO PELA ESCOLA

Memorial apresentado ao curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me acompanhado, ter me protegido e ter me dado forças para que chegasse até aqui.

À minha mãe, que com palavras amigas e atitudes me apoiou e fez valer sua experiência. Por essas e muitas outras, o amor que sinto por ela é infinito e de eterna gratidão...

Ao meu marido, que me incentivou e mostrou que o amor é uma criação contínua...

Aos meus filhos, Laís e Pedro, luzeiros de meu caminhar, por quem meu amor e carinho são eternos...

Aos meus irmãos, familiares e amigos que compartilharam comigo esta fase da minha vida...

Às minhas amigas do PROESF, que me permitiram partilhar de seus mundos, suas vidas e me proporcionaram momentos de muita alegria, descontração e aprendizado. Com certeza sempre estarão dentro do meu coração...

Aos professores, que nos proporcionaram momentos de crescimento, alegria, reflexão, discussão e até frustração, enfim foram os que acreditaram que éramos capazes de chegar até aqui...

Ao PROESF, coordenadores e orientadores, que acreditaram nos caminhos que seus corações lhe segredaram e por lutarem para que tivéssemos a oportunidade de fazermos parte deste curso e com certeza proporcionar através dele, a qualidade tão esperada na educação...

“Se eu pudesse deixar algum presente para você, deixaria aceso o sentimento de amar os seres humanos. A consciência de aprender tudo o que foi ensinado pelo tempo afora. Lembraria dos erros cometidos para que não mais se repetissem. Deixaria para você, se pudesse o respeito àquilo que é indispensável: além do pão; o trabalho. Além do trabalho; a ação. E quando tudo mais faltasse, um segredo: o de buscar no interior de si mesmo a resposta e a força para encontrar a saída”.

Mahatma Gandhi

“Dizem que a vida é curta, mas não é verdade. A vida é longa para quem consegue viver pequenas felicidades. E essa tal felicidade anda por aí, disfarçada, como uma criança traquina brincando de esconde-esconde. Infelizmente às vezes não percebemos isso e passamos nossa existência colecionando não: a viagem que não fizemos, o presente que não demos, à festa à qual não fomos, o amor que não vivemos, o perfume que não sentimos, o sorriso que não retribuímos, o abraço no qual não nos envolvemos, a oportunidade à qual não nos agarramos. A vida é mais emocionante quando se é ator e não expectador; quando se é piloto e não passageiro; pássaro e não paisagem; cavaleiro e não montaria. E como ela é feita de instantes, não pode nem deve ser medida em anos ou meses, mas em minutos e segundos. Este é um tributo ao tempo. Tanto àquele tempo que eu soube aproveitar no passado quanto àquele tempo que não desperdiçarei no futuro. Porque a vida é agora...

Dedicado à memória de meu pai,

Milton Demarchi,

Que com certeza, muito se orgulharia

em ver sua filha formada.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	02
RELATO	04
INTRODUÇÃO.....	11
1 – MINHAS MEMÓRIAS:.....	14
1.1 – Momentos de minha formação.....	17
1.2 – Magistério.....	24
1.3 – Tornei-me professora.....	25
1.4 – PROESF.....	26
2 – LEGISLAÇÃO.....	31
2.1 – Breve histórico.....	31
3 – EROTIZAÇÃO DA MÍDIA.....	37
3.1 – Professor X Tecnologia.....	38
3.2 – Tecnologia e Educação.....	39
3.3 – A televisão e a sexualidade.....	40
4 – RELIGIÃO E SEXUALIDADE.....	42
5 – ESCOLA: LOCAL PROPÍCIO PARA DISCUSSÃO.....	45
5.1 – Formação do professor.....	49
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
7 – REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54
8 – BIBLIOGRAFIA.....	55

APRESENTAÇÃO

Escrever este Memorial é um desafio, assim como foi para eu ser aluna do PROESF.

O capítulo 1 é um registro vivo da trajetória da minha vida, e me é importante no sentido de re-significar o que de melhor ficou, o que é realmente essencial e válido, tanto no campo pessoal, mas e principalmente no campo profissional. Relato os momentos de minha formação, magistério, como me tornei professora e por fim, como o PROESF entrou em minha vida.

No capítulo 2, traço em um breve relato, a história de como a Educação ou Orientação Sexual, foi sendo tratada pela escola e pela sociedade através dos tempos.

No capítulo 3, analiso como os meios de comunicação, apesar da grande valia, trazem também um grande desconforto em se tratando do sexo sadio e responsável. Antes falo sobre a profissão do professor e de como a tecnologia está sendo incorporada à prática docente. Também expresso minha preocupação ante o distanciamento entre os meios de comunicação e a educação e da ação dos diversos “agentes educadores”.

Já no capítulo 4, discorro sobre como a ação das igrejas, através de seus dirigentes e pastores, fazendo interpretações particulares da Bíblia, influencia na sexualidade das pessoas; de como a religião acaba por determinar regras morais, códigos de conduta.

Por fim, no capítulo 5, me volto para a escola; em como o trabalho de educação e orientação sexual nas escolas implica em planejamento e ação pedagógica sistematizados, envolvendo a criação de espaço na grade curricular e a

interdisciplinaridade. E o que é mais importante: que venha a contribuir para uma reflexão da postura de pais e professores.

No entanto, antes de iniciá-lo, apresento na íntegra, o trabalho redigido para a disciplina Teoria e Produção do Conhecimento em Saúde e Sexualidade no mês de novembro de 2.004. Nele, relato todos os fatos ocorridos em minha EMEI nos meses de outubro e novembro do mesmo ano, que me motivaram a levantar questionamentos e a escrever meu Memorial direcionado ao assunto.

RELATO

Como Margareth Rago inicia o prefácio do livro “Sexualidade (s) e Infância (s) – A Sexualidade Como Um Tema Transversal” de Ana Maria Faccioli de Camargo e Claudia Ribeiro, ousou iniciar meu relato...

“É interessante observar que, num país tão marcado pelos temas da sexualidade, expostos em piadas, em manifestações de gracejo, em fotos que colorem as bancas de revistas, nas danças dos programas de televisão, nas imagens comerciais cada vez mais gigantescas dos outdoors das grandes avenidas ou, mais recentemente, na rede internética, o sexo seja tão pouco problematizado...”

E é assustador pensar que em pleno ano da graça de 2.004, século XXI, fatos como estes que irei relatar possam fazer parte do cenário de uma escola infantil, para crianças de 4 a 6 anos de uma cidade como Americana, tão preocupada com a educação e a frente de muitas da região metropolitana de Campinas.

Havíamos chegado de um passeio ao Teatro Municipal onde fomos assistir à peça: “Pedro e o Lobo” e aguardávamos que todas as crianças fossem levadas pelos pais quando fomos surpreendidas por um telefonema (que viemos, a saber, depois, ser da chefe da Divisão de Ensino Pré-escolar) que deixou nossa coordenadora em polvorosa.

É claro que não viemos a saber neste mesmo dia o que teria acontecido, mas, no dia seguinte uma notícia na primeira página em um jornal da cidade abalou-nos a todos: “Criança de 5 anos é vítima de abuso sexual em escola”. É claro que a escola era nossa e a criança, nosso aluno.”

O jornal do dia 22 de outubro informava que a família de um menino procurou atendimento médico no Hospital Municipal “Dr. Waldemar Tebaldi” e depois registrou boletim de ocorrência. Dizia ainda que o menino havia passado por exame de corpo de delito no Instituto Médico Legal onde foram constatadas lesões no ânus e hematomas. Ainda segundo o jornal, o menino contou aos pais que a violência foi praticada por três outras crianças da EMEI, da mesma faixa etária que o menino (de 5 a 6 anos), que teriam colocado o dedo em seu ânus.

Esta notícia caiu como uma bomba em nossa escola e nossas salas de aula! Neste dia fomos ao Parque Ecológico da cidade como estava programado, pois comemorávamos a Semana da Criança e tentamos da maneira mais sutil possível conversando com as crianças da sala, “envolvidas” ou não, descobriremos algo. É claro que fica difícil descobrir algo que não aconteceu. Trabalho com crianças nesta faixa etária há 20 anos e sei como eles costumam contar tudo que lhes acontece, seja em sala de aula ou na casa deles, mas neste dia nada de “anormal” nos foi relatado.

Enquanto isso, na EMEI, nossa coordenadora recebia a visita da família e da criança. A presidente do Conselho Tutelar da cidade foi chamada e pode assim ouvir que o pai havia batido no filho com um cinto para que este contasse o que havia acontecido na escola (pode-se explicar aí os hematomas) e também ouvir da própria criança que os meninos não haviam tirado seu short para praticar o suposto “abuso sexual”.

Até então, o caso tratava-se em uma EMEI da cidade o que deixava pais da cidade toda apreensivos, mas, no dia seguinte, sábado 23 de outubro, no mesmo jornal, já havia uma delimitação da área onde o fato teria ocorrido...”na região do São Vito” (jornal Todo Dia página 7 – Cidades). A presidente do conselho, dizia não

concordar com a divulgação do boletim de ocorrência e que o Conselho Tutelar deveria ter sido acionado ainda no hospital como determina o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Acrescentava que na segunda-feira a criança e seu pai, deveriam passar por uma entrevista com a psicóloga do conselho. A presidente do conselho destacava ainda que apuraria a possibilidade de negligência por parte da escola e tomaria providências para proteger as crianças “citadas” pelo pai da vítima. Nesta reportagem ela dizia ainda que “não se pode falar de atentado ou abuso sexual cometidos por crianças. É preciso apurar os fatores que causaram esse comportamento, se ficar provado que a violência foi cometida pelas crianças”.

Com a delimitação da região e uma suposta divulgação em uma rádio da cidade que a EMEI seria a “Paturi” na Vila Mariana alguns pais de nossa escola iniciaram um “movimento” se é que pode ser assim chamado essa reunião de pais no portão da escola que se iniciava as 7:30 horas (horário de entrada das crianças), estendendo-se até por volta de 9:00 horas. Mostravam-se “indignadas” e queriam que a escola tomasse providências à cerca dos meninos acusados de praticarem o suposto “abuso”. Um grande “mal estar” havia se instalado.

A imprensa não deixou de incomodar. Penso que ela está no seu direito, enquanto meio de comunicação, cuja função é informar e deixar a população a par dos acontecimentos, mas, tratando-se de crianças, os jornalistas deveriam ser mais coerentes e éticos, o que não ocorreu. Também deveriam esperar o desenrolar dos acontecimentos e esclarecimento dos fatos. Mas a notícia ajudou a vender mais jornais nos dias que se seguiram. Pediram para que psicólogas dessem entrevistas ao jornal como a do dia 23 de outubro, em que a psicóloga Maria Sacramento Tanganelli foi ouvida e também pediram a opinião de “especialistas” como a sexóloga Jussânia Oliveira que sem acompanhar os fatos a não ser pelo referido

jornal se puseram a comentar sobre os desastres que o ocorrido poderia acarretar à “vítima”. Isso contribuiu para aumentar o tumulto. Os acontecimentos causaram instabilidade na escola e insegurança dos pais dos alunos, deixando a todos apreensivos e angustiados.

Depois de mais ou menos uma semana, o ocorrido mostrava-se esclarecido. O Conselho Tutelar conversou com o menino e seus pais e também os encaminhou para entrevista com a psicóloga do conselho, Miriam Caro Bignotto. Além disso, a presidente do conselho, Maria Inês Lasperg, conversou pessoalmente com a médica que realizou a perícia no Instituto Médico Legal e esta informou que a lesão existente ao lado do ânus, pode ter ocorrido por uma pancada, andando de bicicleta, ou até mesmo durante o banho.

A divulgação pela imprensa de apenas alguns trechos de nota emitida pela Secretaria da Educação esclarecendo os fatos, deixou a comunidade ainda mais apreensiva. Esta informava que se tratava de uma brincadeira de crianças e os pais de algumas crianças mostravam-se indignados. Foi feita então uma convocação aos pais para uma reunião no dia 03 de novembro as 17:30 horas. As professoras e coordenadora, no entanto, deveriam estar na EMEI as 17:00 horas para esclarecimentos prévios.

Compareceram neste dia, a presidente e a psicóloga do Conselho Tutelar, a chefe da Divisão de Ensino Pré-escolar, a Supervisora Pedagógica, além de todas as professoras, coordenadora e pedagoga responsável pela nossa unidade. Iniciaram lendo a nota emitida pela Secretaria de Educação que deveria ter sido publicada em sua totalidade. O Conselho Tutelar, através de sua presidente e da psicóloga, disseram que depois de apurados todos os fatos deixavam claro não ter havido negligência por parte da professora ou da escola. Às 17:30 horas iniciava-se então a

reunião com os pais para esclarecimentos e foi então que os presentes assistiram uma exibição de ignomínia e barbárie.

Insatisfeitos em seu entendimento cobravam da escola, secretaria e conselho punição para os praticantes de tal ato. Queriam que alguma medida fosse tomada, e que esta fosse drástica. E quando uma mãe falou que os alunos que cometeram o “abuso” deveriam deixar de freqüentar a escola, foi efusivamente aplaudida por grande parte dos presentes. A chefe da Divisão de Ensino Pré-Escolar posicionou-se informando que isso jamais poderia ocorrer, até sob pena do Conselho Tutelar acionar a Secretaria de Educação e que além do mais, como não havia sido divulgado quem seriam essas crianças, eles poderiam estar falando de seus próprios filhos (como de fato estava ocorrendo: um dos aplausos veio das mãos da mãe de um dos citados no boletim de ocorrência). Outro ponto a ressaltar sobre a reunião é o fato de que quando a psicóloga interrogou aos pais se não haviam tido brincadeiras como esta quando crianças, algumas mães se mostraram inconformadas e revoltadas. Batiam no peito e diziam nunca terem presenciado ou praticado qualquer ato “indigno” ou “amoral” quando crianças. A psicóloga rebateu dizendo que estava se referindo naquele momento mais aos homens, por ser mais comum com estes, devido principalmente a cultura de nosso país. Os homens presentes não se manifestaram. A reunião foi encerrada em torno das 19:00 horas, mas percebi logo depois que alguns dos presentes “optou conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia” (“Verdade” – poesia de Carlos Drummond de Andrade). A mãe de uma aluna veio questionar que atitudes eu tomaria dali para frente. Meio apatetada disse-lhe não estar entendendo, quando então ela foi bem clara: “Quero saber que mudanças você fará em sua sala de aula para que fatos assim não venham a ocorrer novamente!?” Aí também fui clara: nada mudaria, nenhuma

atitude seria tomada, pois nada de “anormal” havia ocorrido. Esta criança ficou quase duas semanas sem comparecer a aula, mas voltou.

Transcorrido cerca de um mês após o fato, nossa escola e nós professoras encontramos-nos ainda fragilizadas. Recebemos apoio de muitas pessoas, inclusive da grande maioria dos pais da escola que recolheram assinaturas em um abaixo-assinado que foi levado por uma comissão de mães ao Promotor da Infância e Juventude. Esse abaixo-assinado teve o intuito de pedir que o jornal cessasse com as especulações e com a superexposição a que estavam sendo vítimas todas as crianças da escola. As mães também colocaram no jornal uma carta na seção “Questão de Opinião” na qual demonstravam carinho, respeito e confiança no trabalho por nós desenvolvido. A Secretaria de Educação de Americana, através de matéria paga, também reiterou sua posição de esclarecer os fatos da forma que realmente ocorreram e dava por ali o caso como encerrado.

Sabemos que para o ano que vem temos que desenvolver um longo trabalho na EMEI na área da sexualidade, do corpo. Um trabalho quem sabe, até de orientação aos pais, pois percebemos quão grande é a necessidade da escola estar ajudando também nessa área. Algumas pessoas até se propuseram em nos auxiliar como é o caso de uma mãe de aluno que cursou Biologia. Mas no momento, para ser sincera, quero mais é que o ano acabe. Dar “um tempo ao tempo” como o diz o ditado popular. A pressão tem sido grande e vem de todos os lados, até de colegas de profissão que se recusam a substituir em nossa escola. E enquanto escrevo, percebo como estou ferida, emotiva e frágil: apesar de já ter chorado muito, lágrimas

ainda teimam em escorrer pela minha face. Sei que de tudo o que nos acontece temos que retirar “lições de vida” para que possamos crescer como pessoas e neste caso como profissionais. Temos que trabalhar nas nossas deficiências e alavancar novos caminhos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo central, provocar uma reflexão acerca de fatos acontecidos em minha EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil, bem como das necessidades cotidianas da auto-avaliação e da aprendizagem constante para desmistificar os tabus provenientes da sexualidade.

Articular os referenciais teóricos estudados com a prática pedagógica diária, é uma tarefa bastante importante, já que a história da sexualidade nos aponta caminhos que provocam uma reflexão acerca da repressão sexual que aparece como instrumento de mutilação, desvalorização e controle da sexualidade tida como pecaminosa e imoral.

Falar de sexualidade significa falar de concepções cristalizadas no homem moderno sobre questões que foram produzidas como verdades através dos tempos. Significa também falar de repressão, preconceito, poder, interdição do corpo, desejo, paixão, prazer, vida, morte, controle, gênero, pecado, opção sexual, construções de papéis sexuais, doenças sexualmente transmissíveis, AIDS, enfim, de todas as representações sociais que giram em torno da sexualidade na sociedade. Estas questões não estão fora do espaço escolar.

Estudos apontam para uma análise voltada para o cotidiano escolar, discutindo as representações sociais dos envolvidos no processo educativo dentro da instituição escolar. Outros nos informam e orientam para como desenvolver um trabalho de educação sexual adequado à escola. Outros mostram que a questão da sexualidade entra nas escolas diretamente, através do livro didático, num discurso indireto, de forma preconceituosa, moralizadora, conformadora e estereotipada, não só quando se fala de sexo, mas também do corpo, do comportamento, da paixão, do

amor e principalmente, dos papéis sexuais, constituindo-se em uma contribuição peremptória para a manutenção das diferenças sexuais e sociais entre homens e mulheres. A sexualidade do homem, ainda é apresentada, na educação sexual escolar, como uma manifestação anato-biológica que precisa ser controlada e disciplinada, porém (re) velada sob um ponto de vista higienista, moral, religioso e psicológico. O homem é apresentado como constituído por partes e o sexo a ser (re) velado como segredo.

Para alguns estudiosos, técnicas de dominação classificam e objetivam os indivíduos, buscando-se identidades pessoais como exemplo de padrões sociais coletivos. A classificação e a objetivação são aceitas, internalizadas e adotadas pelo indivíduo, que passa a policiar-se diante da sociedade. Com isso, técnicas de dominação transformam os indivíduos em sujeitos reprimidos.

Esse trabalho visa justamente esta ponderação, já que enquanto educadores, devemos buscar o novo diante às constantes transformações, avaliando assim o contexto no qual estamos inseridos, bem como buscar alternativas que resignifiquem o saber histórico social.

Este trabalho é uma reflexão de como a nossa educação sexual escolar tem origem nas concepções médico-higienistas e como este dispositivo de sexualidade ainda hoje de uma forma ou outra está presente nas nossas vidas. A escola aparece como um microespaço de poder e saber sobre o sexo, visando a produção de uma sexualidade para o cidadão.

O Estado, enquanto poder público, vem apresentando projetos de educação/orientação sexual e legislando sobre a questão. Assim, de uma forma ou outra, vem se falando sobre sexualidade na área de educação e nas escolas

propriamente ditas. As questões que se colocam são: quem está falando, como se está falando e por que se está falando.

Entendendo sexualidade como dispositivo histórico, como um mecanismo de poder, FOUCAULT (1987) nos informa que é justamente o poder quem nos estimula a (re) velar nossa sexualidade através das instituições como a escola, a família, a igreja, entre outras, e de saberes como a medicina, da psicologia, da biologia, da psiquiatria, da pedagogia...

CAPÍTULO 1

MINHAS MEMÓRIAS...

“Somos uma espécie intersubjetiva por excelência. Isso é o que nos permite “negociar” os significados quando as palavras perdem o mundo...”

(Jerome Bruner)

Voltar à infância é impossível! Também nem sei se quero; o que passou deixou marcas que possivelmente seriam diferentes das que tenho cravado em mim hoje, caso isso pudesse acontecer. Acredito que quando queremos reviver algo, deixamos de viver o presente, tal qual ele está; deixamos de viver o melhor de nossas vidas que é o agora. Já ouvi muita gente dizer que queria que o tempo voltasse, pois assim faria tudo diferente. Mas não recuperamos o passado, pois o que passou, passou. O tempo nunca voltará e o que foi feito me trás resultados nos dias atuais. Sou a soma de atos, gestos, palavras, decisões, boas ou ruins que escolhi anteriormente. Não nasci com uma identidade: eu a construí. E parafraseando Cazuzza *o tempo não para...* e nem volta...

Mas lembrar, sem querer mudar, só lembrar, trás doçura ao coração! Porque coração só guarda boas lembranças esquece as más ou as ameniza e transforma em aprendizagens, em lições de vida, para a vida...

Olhar o passado com os olhos do tempo presente, com o movimento do presente para revermos nossos marcos, o que perpetuamos, o que deixamos fotografados, o que enquadrados. Porque acredito que nossa memória funciona

como uma máquina fotográfica. Quando escolhemos uma foto para ser tirada, fazemos um adensamento, isto é, escolhemos um local ou uma situação para perpetuar. O enquadramento é ao mesmo tempo uma escolha e uma exclusão.

“Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão”. Carlos Drummond de Andrade. E o registro é para se fazer história...

Aos vinte e sete dias do mês de outubro de mil novecentos e sessenta e três, no município de Americana, nascia a primeira e única filha mulher de Milton Demarchi e Lúcia Pascoto Demarchi. Nasci em um hospital, coisa meio rara naqueles tempos, pois a maioria das crianças vinha ao mundo pelas mãos de competentes parteiras, em casa. Nasci de parto tipo cesárea, com 2.400 k e 49 cm. Era magra e esfomeada. Adaptei-me logo à mamadeira e crescia rapidamente. Recebi esse nome graças a meu pai, pois pela minha mãe me chamaria Valdelice. Mas também graças a ele e em homenagem a minha avó paterna já falecida fui agraciada com um segundo nome que por muito tempo era escrito como F. Eu detestava o Francisca e achava que nem combinava com Walkiria. Superei depois de adulta e hoje já acho Walkiria Francisca um nome fino, *chique no último!*

Não fiquei muito tempo sozinha: em março de mil novecentos e sessenta e cinco nascia meu irmão, Valquir José, meu grande companheiro de infância. A família continuou a crescer e em dose dupla: em fevereiro de mil novecentos e sessenta e sete, nasciam meus irmãos gêmeos Odir João e Odair Jorge. Minha mãe tinha então quatro bebês: eu com três anos, meu irmão Valquir com dois e os gêmeos!

Na disciplina de Teoria e Produção em História com a assistente pedagógica Maria Aparecida sob a coordenação da Prof^a Dr^a Ernesta Zamboni falamos muito sobre as lembranças que temos. Ela dizia que até três anos temos pouca ou

praticamente nenhuma recordação. A criança nesta idade não traz passado; a reconstrução é feita a partir de relatos da família. Mas, a primeira coisa de que tenho lembrança, talvez por ter sido algo muito marcante é aos três anos, quando minha mãe chegou à casa de minha avó com os meus irmãos gêmeos. Lembro-me de ter saído correndo, chorando e ter ido tentar me esconder atrás da porta do quarto de minha avó. Lembro-me de minha mãe me perguntando porque chorava e eu dizendo-lhe que tinha ido buscar um bebê e trouxera dois... Minha mãe sabiamente, disse que trouxera um para mim e outro para meu irmão Valquir. Deu-me ainda a possibilidade de escolher primeiro um deles. Fui então olhar para meus irmãos gêmeos e escolhi o que me pareceu mais gordinho (devo ter achado mais bonito). Por muito tempo o Odir era meu bebê e o Odair, o mais franzino era o de meu irmão...

Aos quatro anos e meio (e isso me foi relatado), nossa família se mudou para uma fazenda no município de Limeira, Fazenda Moinho Azul. Foi nesta fazenda que passei minha infância. Era uma fazenda grande, que cultivava principalmente, laranja para suco, cujo dono era também dono da indústria Walita (Waldemar e Lita, sua esposa).

Foi na fazenda que minha mãe engravidou de seu último filho, Wagner Geraldo. Ele nasceu em setembro de mil novecentos e setenta e dois e foi muito festejada a sua chegada. Lembro de meu pai burlando a segurança do hospital, colocando meu irmão Odair no colo, pois ele era o menor, pegando o Odir pela mão e pedindo que eu segurasse meu irmão Valquir pela mão e o seguisse. Subimos correndo as escadarias do hospital e paramos em frente o berçário. Ele levantou-nos um a um para que víssemos nosso caçula pela vidraça. Esprememos nosso nariz no vidro, encantados com a visão de nosso bebê. Não recordo o que aconteceu depois,

nem se ao menos vimos nossa mãe. O próximo enquadramento já é a chegada de minha mãe à fazenda com meu irmão no colo. Quando desceu da Kombi, ele já recebeu de minha prima o apelido que com o passar do tempo teve modificações sutis e óbvias: Nini, Nino e finalmente Ninão.

1.1 - MOMENTOS DE MINHA FORMAÇÃO

A escola entrou em mim como um sopro de vida. Era uma criança ávida por aprender. Tive, no entanto que esperar ter sete anos completos para poder freqüentar, pois, era de outubro. Mas, mesmo antes, como a janela do meu quarto dava para o pátio da escola, ficava tempo escutando a aula. Era uma classe mista, de primeira à terceira série, divididos por fileiras de carteiras. A escola chamava-se Escola Mista do Bairro Caxaguá e atendia crianças da própria fazenda e de fazendas e sítios da redondeza. Meu marido que também estudou lá, diz que ao todo, freqüentavam dezessete crianças. Sentávamos em duplas, em carteiras grandes, de madeira, onde havia uma “canaletinha” para se colocar o lápis. Havia também um buraco, que vim, a saber, bem mais tarde, ser o local onde se colocaria o tinteiro. Lembro-me da minha professora, já em seus quarenta, quarenta e cinco anos, meio austera, meio maternal, cujo nome era Maria Vicencina Gifoni Castelucci. Ela morava na cidade de Limeira, vinha de ônibus, parava na pista (Via Anhanguera) onde era esperada por um motorista com carro ou charrete que lhe trazia até a escola. Dividia a lousa em três partes, onde passava lição para as três séries e ia para o fundo da sala, onde havia um fogão no qual fazia a merenda. O cheiro de tempero sendo frito no óleo para que a sopa fosse feita, parece me assaltar até em dias atuais. Um dos pratos mais apreciados era macarrão com sardinha. Ela nos

servia em um galpão, em frente à escola, onde havia mesa e bancos. Depois, enquanto brincávamos, ela ia tomar café em minha casa e ficava muito tempo conversando com minha mãe. Havia dias em que voltávamos na classe só para guardar o material.

A classe possuía muitos cartazes que ficavam lá por todo tempo. De tempos em tempos a professora explicava um deles: o do círculo de alimentos (reguladores, energéticos, o que mais mesmo?); o das fases por que passa o girino até se transformar em sapo e o do esqueleto humano. Era para eles que ficava olhando quando, terminando minhas tarefas não tinha nada que fazer.

Fui alfabetizada com a cartilha “Caminho Suave” e não guardo traumas. A escola se apresentava como algo novo, espaço alegre que trazia infinitas possibilidades de “ver” coisas diferentes. O que havia para ser aprendido era por mim memorizado sem muito esforço. O método era o mais tradicional possível, mas era o melhor que se possuía. O boi babava no bebê e o xale da vovó era xadrez. Didi era irmã de Fábio e todos viviam felizes como os irmãos p e b que davam a mãozinha para o m.

Recordo-me como se tomava à leitura, em voz alta para a qual devíamos nos preparar muito para não sermos repreendidos perante os colegas de sala. As mãos costumavam ficar suadas e ao terminar precisávamos enxugá-las na roupa para que não estragassem o caderno. Ter “orelhas” no caderno era horrível e tínhamos que ter cuidado ao apagar algo, pois as borrachas eram duras e costumavam rasgar as folhas.

Lembro-me que meu irmão teve uma régua quebrada em sua cabeça e que tínhamos um colega de sala chamado Silvio que vivia com as orelhas vermelhas, pois a professora insistia em puxá-las. Esse menino repetiu várias vezes de ano.

Certa vez, quando ainda me encontrava na primeira série, recebemos a visita do dono da fazenda Sr. Waldemar e de sua esposa, Dona Lita. Tivemos que nos levantar e ficar ao lado da carteira até que ele gentilmente disse para sentarmos. Conversou com a professora e ofereceu dinheiro para que esta comprasse brinquedos para todos. Devia estar próximo o final do ano, pois a professora baseou-se na nota final de todos para a distribuição dos presentes. Como fui a melhor aluna das três séries, recebi a que era considerada a melhor boneca. Era uma boneca pequena, com vestido branco bordado com fios prateados. Ela possuía uma chave com a qual dava-se corda, e ela rodava, como uma bailarina. O nome da boneca era Dancinha e eu a tenho até hoje, guardada com o cartão que a professora escreveu para identificar o embrulho. Não me lembro dos presentes de outros anos, mas lembro que recebíamos também um grande pacote de balas, cuja embalagem era um Papai Noel. Foi à primeira vez que vi o Bom Velhinho.

Na quarta série tive que me deslocar para um local próximo, também município de Limeira. Eu e minha única amiga de infância, Teresinha éramos levadas todas as manhãs e permanecíamos por lá muitas horas além do período de aula, por não ter quem fosse nos buscar ou até mesmo por esquecimento. A escola chamava-se Escola Mista Emergencial do Bairro dos Lopes e funcionava nos mesmos moldes que a primeira. Mas era uma escola clara, com muitas janelas com cortinas beges. Não me lembro da merenda, mas me lembro da fome que sentíamos quando ficávamos sentadas na escadinha enquanto esperávamos vir nos buscar. Lembro-me também que Dona Sonia, minha professora, era jovem, solteira, e que eu a achava muito bonita. Seu anel de formatura era um chuveiro com pedra verde, e ela vinha sempre de sapato alto e unhas pintadas. Conheci outras maneiras de dar aula como competições entre meninos e meninas respondendo questões feitas por

ela; havia envolvimento e um sabor de alegria e cumplicidade. É claro que ela também nos ensinava coisas que o programa mandava: tipos de relevo e vegetação como a caatinga da região Nordeste e cerrado da região Centro-Oeste ou sobre o rio Amazonas e todos os “santos” nomes de seus afluentes, que logicamente devíamos decorar. Mas ela tinha um pouco de menina; brincava conosco no recreio e conversava sobre sua vida e sobre seu namorado.

Na quarta série já havia menstruado e contei isso a minha professora que ficou surpresa. Em tom de segredo, conversávamos sobre menstruação e sentia-me feliz por ser a única na classe a “ser mocinha”. Outras colegas perguntavam detalhes e sentia-me orgulhosa em poder contar-lhes.

No “ginásio” (assim era chamado o ensino fundamental de quinta à oitava série), nova mudança! Eu e Teresinha tínhamos que ir para a cidade de Americana para poder freqüentar. A fazenda possuía um escritório e todos os dias os funcionários eram trazidos de Americana por um motorista e era com ele que íamos logo pela manhã, ainda escuro. Além do susto de estudar em uma escola grande, repleta de salas, professores, inspetores, e tantas coisas mais, havia ainda as aulas de Educação Física que eram em horário contrário. E três dias por semana, no horário do almoço, esperávamos pelo motorista, que normalmente era o Tonhão, pai de Teresinha, trazer nosso almoço. É, comíamos marmitta para poder freqüentar as aulas de Educação Física! Depois de algum tempo, uma inspetora piedosa, resolveu questionar o porque ficávamos ali, onde morávamos, porque não íamos para casa almoçar... Fomos então dispensadas das aulas de Educação Física.

Inicialmente achei o curso ginásial muito diferente do primário e o motivo não era somente a escola. Lá eu era um número, normalmente alto pela inicial do meu nome ser W. Os professores não me conheciam, não conheciam minha mãe e nem

sabiam da minha realidade, morando em uma fazenda e não sabendo nem ao mesmo o que significavam certas coisas que ouvia. Eles entravam, faziam a chamada por número, despejavam matéria e ao som estridente de uma campainha, cujo som nunca havia ouvido, saiam rapidamente, juntando papéis e livros. Havia uma impessoalidade no ar. Dessa época, poucos nomes de professores me lembro, mas, de uma guardo doce lembrança: Dona Eglè, professora de Português, que me ensinou o caminho dos livros, a biblioteca! É claro que não sabia o que era até me ser apresentada! Nunca havia lido outro livro a não ser a cartilha e outros livros didáticos complementares doados aos alunos pelo governo do Estado. E foi paixão à primeira visita! Imagine alguém que além de livros didáticos só lia embalagens, rótulos de produtos comprados no armazém, deparar-se com uma imensidão de histórias, sonhos, viagens, poesia...foi canção para meu coração de menina moça. Diante de tantas coisas diferentes, sentindo-me acuada, os livros tornaram-se meus grandes amigos.

Meu rendimento escolar não apresentara queda acentuada. Tive um pouco de dificuldade com Matemática que logo foi superado. Era dedicada, prestava muita atenção à aula e estudava com afinco. Gostava de Francês, Ciências, História e Educação Musical.

Em meados de 1.976, minha família mudou-se para a cidade de Americana. Como a casa que possuíamos estava alugada, meus pais acharam melhor alugar uma casa próxima à escola que freqüentávamos, no bairro Cordenunsi. Com os filhos crescidos já ficara difícil viver na fazenda. Eu na sexta-série, meu irmão Valquir na quinta e os gêmeos já na terceira.

Não havia mais motivos então para deixar de freqüentar as aulas de Educação Física. A professora, Dona Silvia, passou nas salas no dia que antecedia

a primeira aula, avisando que não deveríamos faltar no dia seguinte, pois ela falaria sobre Educação Sexual. Recordo-me que ela elogiou o fato de nenhum dos alunos ter rido como acontecera na sala anterior, pois este era um “assunto sério” e não haveria motivos para risos. Os meninos teriam aula com um professor, homem, e as meninas com ela. Por motivos ignorados, não sabendo porque a memória fotografa algumas coisas e outras não, pouco me lembro sobre a aula em si. Mas hoje, avalio a atitude daquela profissional, tão à frente da sua época.

Além deste fato, eu agora já era uma adolescente, e percebia-me um pouco mais gordinha que minhas colegas e isso acabava por me constranger nas aulas. As regras dos jogos eram explicadas e montavam-se times que competiam entre si. Nem preciso dizer que era uma das últimas a ser escolhida e apesar de ter tido uma infância muito ativa, ter subido em árvores e brincado de todas as brincadeiras possíveis, não apresentava destreza ou agilidade nos jogos.

No ano seguinte, depois de muitos problemas com o inquilino, fomos finalmente morar em nossa casa em outro bairro, mas na mesma cidade. A escola era menor que a outra, já me sentia mais segura e menos tímida. Comecei a frequentar um grupo de teatro e chegamos até a apresentar uma peça teatral na igreja do bairro.

As aulas de Educação Física continuaram a marcar minha vida. Agora era a famigerada Queimada que me tirava à tranqüilidade. Todos os dias enquanto a professora conversava ou ficava sentada, lá ficávamos nós, seus alunos, jogando queimada. Bom, jogando ficavam os outros: eu era uma das primeiras a ser “queimada”, ia para o “cemitério” e mofava num canto, pois ninguém me dava mais a bola. Tive uma entorse no tornozelo no primeiro semestre e essa foi minha desculpa para não ir mais à aula por todo o restante do ano. Não sei como a professora

resolveu isso na caderneta, mas não deve ter sentido falta de uma esportista nata como eu.

A situação financeira da família era um pouco difícil. Só meu pai trabalhando com cinco filhos para sustentar era complicado. Ele era mecânico em uma empresa de ônibus da cidade e seu salário não dava para as despesas básicas da família. No ano seguinte matriculei-me à noite e passei a procurar emprego. Eu estava então com quatorze anos e tinha feito o curso de datilografia, imprescindível na época. Naquele tempo havia muito emprego para menores e me dei ao luxo de escolher entre o comércio e a farmácia de um hospital. Achei a farmácia mais promissora, além de estar mais de acordo com o que sonhava até então: fazer medicina. Entrei em março de 1.978 neste emprego e saí de lá cinco anos depois, para ir trabalhar em outro hospital onde fiquei por mais um ano e meio.

Nesse meio tempo, terminei a oitava série e matriculei-me no segundo grau em uma escola no centro da cidade. E fui então percebendo que mesmo sonhando meus mais altos sonhos não teria condições de freqüentar não uma faculdade de medicina, mas nenhuma faculdade. E foi aí que veio minha opção pelo...

1.2 – MAGISTÉRIO

A opção surgiu por falta de opção! Precisava ter o diploma de um curso, ter uma carta na manga, ter algo além do colegial comum, que pudesse quem sabe um dia, me ser útil.

De acordo com ARROYO, *“a condição de vida está presente em nossas escolhas. Não escolhemos a profissão que queremos, mas a possível”* (2.000, p. 126).

Jamais pensava em dar aula. Quando começaram as regências tive na época a certeza de que não era aquilo que queria para minha vida. A professora supervisionando todos meus movimentos e atuação me deixava angustiada. Perdia o “controle” da sala e depois de uma dessas aulas a professora me confessou que não teria como me dar nota. Tive que preparar uma nova aula e submeter-me novamente à sua avaliação. Passei com a nota mínima talvez porque a professora tivesse se condoído de minha inabilidade com os alunos. Ou talvez porque fosse ótima aluna e tirasse sempre notas altas em todas as outras disciplinas. Ou as duas coisas. De qualquer forma, terminei o magistério, fiz especialização em pré-escola no ano seguinte, pois além de ser mais uma opção, eu adorava estudar. Gostava imensamente de estudar teóricos, psicologia e a infância, só não gostava de dar aulas.

Só que em setembro de 1.984, depois de ter participado de uma greve, fui mandada embora do hospital público em que trabalhava. E minha vida teve então que mudar de rumo. Que faria eu? Hospital novamente? Meu sonho de estudar medicina já se havia ido há muito e queria mudar de ares. Só tinha guardado na gaveta meu diploma de datilografia e de...Magistério! Já namorava na época meu

hoje marido, e ele e minha mãe me apoiaram a ir procurar escolas e deixar lá meu nome para que fosse chamada eventualmente na falta de professores. Seria uma maneira de começar e assim aconteceu...A profissão de professora foi para mim, a alternativa mais viável ao meu alcance naquele momento.

Comecei com uma ou outra aula, e foi assim que...

1.3 - TORNEI-ME PROFESSORA

Comecei timidamente, descobrindo-me muito mais professora de que mesma eu pudesse imaginar. Brinco que fui descobrindo a professora dentro de mim em doses homeopáticas. E a paixão por ensinar foi tomando conta de mim.

Fui ficando conhecida nas escolas e sendo chamada para pequenas licenças e afastamentos temporários. No ano seguinte resolvi atacar com todas as armas. Fui à Delegacia de Ensino e cadastrei-me no Estado, prestei um concurso municipal para ser professora de pré-escola e comecei minha peregrinação por escolas particulares.

Tanto esforço me trouxe resultados rápidos. Em agosto desse mesmo ano (1.985), tive que optar entre uma escola particular em que havia começado a dar aula e a Prefeitura Municipal onde prestara concurso, pois as duas turmas eram no mesmo período. Comecei na Escola Municipal de Educação Infantil Patativa em doze de agosto de mil novecentos e oitenta e cinco. Fiquei lá por dois anos e meio.

Em julho de 1.987 casei-me com Dario Tessarin que por coincidência morava em um sítio próximo à fazenda e estudara na mesma escola que eu. Reencontramos mais de dez anos depois, namoramos por quatro anos e meio e lá se vão quase dezoito anos de casamento.

Mudei-me então de bairro e no final de 1.987, ao entrar em remoção, consegui a Escola Municipal de Educação Infantil Paturi, muito próxima de minha casa. Hoje me mudei de casa, mas não de escola; já estou lá há dezessete anos!

Neste meio tempo, tive dois filhos: Laís nasceu em dezesseis de fevereiro de mil novecentos e noventa e três e Pedro bem depois, em dezoito de outubro de dois mil. E faço como a coruja: acho meus filhos lindos e graças a Deus são muito saudáveis.

Em 2.002 surge então o...

1.4 - PROESF

Tudo começou quando, devido à nova lei que entraria em vigor em 2.008 na qual professores de todo o Brasil deveriam ter o ensino superior para que pudessem exercer o magistério, o governo do Estado fechou um convênio com a UNICAMP e com cidades da região metropolitana de Campinas.

Eu, na minha cidade, quietinha em minha EMEI, soube por intermédio de minha Coordenadora que a UNICAMP estava abrindo um vestibular para o curso de Pedagogia para professores em exercício.

Eu e minha amiga Ivani, também professora da escola achamos extraordinária essa iniciativa e resolvemos que prestaríamos o vestibular. Conversamos com nossos maridos que na época foram totalmente contra. Meu marido alegava que nosso Pedro era muito pequeno e que seu trabalho necessitava que por vezes, ele se ausentasse da cidade ou, o que era mais comum, é que as reuniões que ele precisava fazer com os vendedores (na época meu marido era gerente de vendas), entrassem noite adentro. Ele mostrava-se irredutível.

Não chegávamos a nenhum acordo, e um dia, na escola, falei para a Ivani que deveríamos prestar o vestibular e caso passássemos resolveríamos o que fazer. De nada adiantaria ficarmos tentando achar solução para algo que nem sabíamos se aconteceria.

Começamos então a nos preparar com leituras e até participamos de um grupo de estudo. Eu só consegui participar um dia. Percebi como seria difícil para eu freqüentar uma faculdade. Além do cansaço que sentia lendo as apostilas e livros, quando normalmente caia no sono, já estava há vinte anos sem estudar, tinha meus filhos, minha casa, meu marido... Será que conseguiria? Bom, primeiro era necessário passar no vestibular.

Fiz a inscrição e em um domingo de julho, lá estava eu no ônibus que a prefeitura da cidade colocara a disposição de todas as professoras, rumo ao que seria para a maioria, o primeiro vestibular de suas vidas.

Foi à primeira vez que entrei em uma universidade, a primeira vez que prestei um vestibular. Não tinha almoçado, mas o estomago estava enjoado, tamanha a ansiedade.

Tempo, hora de começar... Foram quatro horas sobre uma folha e saí de lá exausta e com a certeza de que não havia passado. Havia deixado algumas questões sem resposta. Incrivelmente não havia dado tempo para detalhar outras respostas, da forma que gostaria. E no ônibus choro e tristeza de umas; risos e alívio de outras. Mescla de sentimentos e expressões. Lembro-me bem de uma professora, que chorava desconsoladamente. Ela havia respondido as questões em folha separada e não tinha tido tempo de passá-las na prova. Nada a consolava. Eu sentia-me cansada, mas não havia desistido! Estudaria para o próximo vestibular e com certeza passaria.

Ao chegar na escola no dia seguinte, peguei um livro da bibliografia do vestibular na estante e disse para minha Coordenadora que já estaria me preparando para o vestibular do ano seguinte. Eu não havia me preparado como precisava para este, mas para o do ano que vem...

Dia do resultado: a lista de aprovados sairia as 9:00 horas. Resolvemos lá da escola ligar para meu marido em seu trabalho para que consultasse a lista. Lembro-me de ter lhe pedido que procurasse na lista o nome Ivani. Daí a segundos ele informa que não havia nenhuma Ivani, mas que havia uma Walkiria Francisca Demarchi na listagem. Cheguei a lhe dizer que estaria vendo a listagem errada, tamanha a minha descrença.

Senti muito pela minha amiga. Na verdade não consegui nem vibrar muito com minha conquista. Vibrei muito mais no ano seguinte, quando soube que ela havia passado no vestibular.

Meu marido? Ao chegar em casa naquele dia me deu os parabéns, quis saber detalhes e quando perguntei como iríamos fazer, disse que daríamos um jeito.

O “jeito” tem nome: chama-se Lusia e é minha mãe! É ela que se prontificou a ficar com meus filhos em sua casa até que meu marido pudesse buscá-los.

As aulas se iniciaram em vinte e sete de agosto de 2.002 e até isso acontecer um frenesi tomou conta de mim.

Primeiro dia de aula é complicado para todo mundo, para a criança na pré-escola e para uma universitária, como eu. Encontrei, no entanto, várias pessoas que já conhecia, da rede da cidade de Americana e acabei ficando mais tranqüila. Os Assistentes Pedagógicos em grande parte também eram da rede, inclusive minha coordenadora, a AP Márcia, que nos deu aula de Pensamento Histórico e Educação

no primeiro semestre e Sociologia no segundo. No mais, como nunca fui “quadrada”, me virei bem, fazendo amizades rapidamente.

E aqui estou eu, agora, redigindo este Memorial, no último semestre do curso.

Não vou dizer que foi tranquilo driblar e me desdobrar como mãe, mulher, dona de casa, professora e UNIVERSITÁRIA. Havia trabalhos a serem entregues, apostilas a serem lidas, seminários a serem preparados e apresentados e aulas a serem assistidas. Participação e presença sempre foram cobradas. E havia meu filho que ainda mamava no peito; minha filha que só deixou de chorar depois de combinar (e cumprir) que todas as quartas-feiras eu a levaria a faculdade, isso por mais de um ano; minha casa; meu marido; meus alunos destes três anos; meus compromissos profissionais...

Também não vou dizer que foi exaustivo demais. Acredito ter sido na medida.

E quanto eu enriqueci. Como pessoa, como ser humano, o quanto aprendi.

E quanto se foi pensado no professor, este profissional que vive de sonhos, ideais, que está sempre querendo melhorar e melhorar-se como ser humano e como profissional.

Pensou-se no professor que mesmo trabalhando não conseguia pagar uma faculdade. Pensou-se no professor que como eu, realizou um antigo sonho: o de ter uma faculdade, o de freqüentar uma Universidade...

CAPÍTULO 2

LEGISLAÇÃO

“Ninguém pode ensinar verdadeiramente se não ensina alguma coisa que seja verdadeira ou válida para seus próprios olhos”.

(FORQUIM: Escola e Cultura, p.9)

A portaria interministerial de número 796, aprovada em 1.992 pelos Ministérios da Educação e Saúde, incentiva a implantação de projetos educativos na área de prevenção à AIDS; e a de número 766, aprovada em 2.001, também pelos dois Ministérios, que prevê a criação de um grupo de trabalho interministerial para elaborar, implementar e acompanhar a proposta relativa aos Temas Transversais: Saúde e Orientação Sexual.

Vamos ver como tudo começou...

2.1 - BREVE HISTÓRICO

A Educação Sexual surge, no século XX, trazendo em seu bojo, significativamente, as concepções médico-higienistas, que influenciaram profundamente a política educacional oficial no século XIX, mesmo passando a ser uma reivindicação da sociedade civil organizada. Nasce a Educação Sexual objetivando o combate à masturbação, às doenças venéreas e ao preparo da mulher para o papel de esposa e mãe. Sempre com o objetivo de “saúde pública” e de “moral sadia”, procurando assegurar-se a saudável reprodução da espécie.

Na década de 20, o movimento feminista liderado por Berta Lutz, uma bióloga formada pela Sorbonne, tentou a implantação da Educação Sexual oficial nas escolas, tendo como objetivos principais a proteção à infância e a maternidade. Entre os educadores, um Congresso Nacional de Educadores, em 1.928, defendeu a aprovação de um Programa Oficial de Educação Sexual nas escolas, a ser aplicado apenas a crianças acima de 11 anos (GOLDBERG, 1988).

A influência higienista dos discursos pró e contra a implantação oficial da Educação Sexual nas escolas era evidente. Evidente também era o conteúdo discriminatório e controlador de livros da época. CHAUI (1984) aponta o livro de Oswaldo Brandão Silva, editado no Rio de Janeiro em 1.938, intitulado Iniciação Sexual – Educacional (leitura reservada). Segundo o autor, o livro não seria obsceno; leitura reservada significaria dizer que se destinava apenas aos meninos, pois as meninas só deveriam ser iniciadas no sexo por seus maridos.

A década de 60 foi marcada em nosso país por mudanças políticas radicais. O golpe de 1.964 levou os militares ao poder e este período repressivo também deixou marcas no processo de implantação oficial nas escolas de uma Educação Sexual. Neste período, independentemente da concepção que se tinha sobre Educação Sexual, alguns legisladores insistiram em implantá-la nas escolas oficiais. Em 1.968, a deputada Júlia Steimbruck apresentou um projeto de lei, propondo a introdução da Educação Sexual em todas as escolas de nível primário e secundário do país. Neste mesmo ano, editou-se o Ato Institucional número 5, marcando, entre outras coisas, um forte poder à censura, afetando entre outras instituições, as educativas. Tanto as universidades quanto as escolas chamadas renovadoras, tiveram seu trabalho interrompido e o projeto da referida deputada foi arquivado. Até então, dentro das escolas, os trabalhos de Educação Sexual, quando existentes,

eram coordenados pelo Orientador Educacional e/ou ficavam sob a responsabilidade dos professores de Ciências ou da disciplina Programas de Saúde. Estes trabalhos, embora não proibidos pelo poder da lei, até porque não havia nenhuma lei educacional que os amparasse, pararam.

No que se refere à legislação oficial, em 1971, com o surgimento da lei 5.692/71, aparece à obrigatoriedade da Orientação Educacional, a cargo do Orientador Educacional, agora com a formação de nível superior. Neste momento, como já vinha de uma forma ou de outra sendo elemento articulador das atividades voltadas para a educação sexual nas escolas, este profissional tomou para si a responsabilidade sobre ela, mesmo de forma tímida, embora a função não estivesse explicitada em lei. A opção é encontrada na literatura sobre orientação educacional.

Observamos que, na lei 5.692/71, que fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, não havia nenhuma proibição formal contra Educação Sexual, embora tampouco seja mencionada. O que vamos encontrar na legislação é o parecer nº 2.264/74 do Conselho Federal de Educação, aprovado em agosto de 1974, onde se menciona a Educação Sexual como um objetivo a se desenvolvido nos programas de Educação da Saúde do 2º grau (DAVIS, 2003). Portanto, falar ou não falar sobre sexualidade, ou desenvolver um trabalho de orientação sexual, ficava a cargo, principalmente, dos “especialistas” da educação e da saúde.

Só em 1995 em nível oficial é que a educação sexual escolar ganha impulso com a proposta de implantação dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, que objetivam oferecer diretrizes mais claras às políticas para a educação no âmbito do ensino fundamental. Nos PCNs, a Educação Sexual aparece como Orientação Sexual dentro da área de Convívio Social e Ética no ensino fundamental. Assim a Educação Sexual escolar, surge oficialmente como Orientação Sexual, aparecendo

no currículo de forma transversal, ou seja, não como uma disciplina específica a cargo de um professor, mas como responsabilidade de todos, devendo ser discutida em todas as disciplinas. Além da Orientação Sexual, Ética, Meio Ambiente e Estudos Econômicos, são as outras disciplinas que também estão incluídas nos Temas Transversais.

O texto preliminar do PCN referente à Educação Sexual nas escolas justifica sua implantação:

A partir de meados dos anos 80, a demanda por Orientação Sexual nas escolas se intensificou devido à preocupação dos educadores com o crescimento da gravidez indesejada entre adolescentes e com o risco da contaminação pelo HIV entre os jovens. As questões da AIDS e DSTs estão postas na necessidade da implantação de uma educação sexual escolar. Entendendo que a escola é um espaço de convivência social, amorosa, emocional ao jovem, onde ele permanece bom tempo de sua vida, ela não pode se omitir diante da gravidade da doença, considerando a sua principal via de transmissão – a via sexual; por isso a necessidade de um trabalho de educação sexual escolar, junto aos alunos, pelo aspecto sistemático e organizado daquele espaço específico. O certo é que se reconhece na escola, através da “Orientação Sexual”, uma possibilidade de debelar a doença.

A existência de um trabalho sistemático de Orientação Sexual dentro da escola, possibilita também a realização de ações preventivas as DSTs e à AIDS de forma mais eficaz(...).

Devido ao tempo de permanência dos jovens na escola e às oportunidades de troca, convívio social e do despertar para o relacionamento amoroso, a escola não

pode se omitir frente à relevância dessas questões, constituindo-se em local privilegiado para a abordagem e prevenção as DSTs e AIDS.

Hoje há um grande incentivo à Educação Sexual nas escolas, seja pública ou privada. Por quê? Há uma questão que se coloca frente à Educação Sexual escolar na cena contemporânea: a AIDS. Uma pergunta se impõe: se a AIDS não tivesse surgido, a educação escolar estaria sendo incentivada tão veementemente?

Segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), a educação sexual nas escolas não leva à sexualidade precoce, tampouco estimula a promiscuidade, chegando a esta conclusão através da análise de trinta e cinco estudos feitos por vários países sobre o tema (RUA 2001). A OMS lamenta que esta crença exista, constituindo-se em uma barreira contra a introdução do programa de prevenção contra a AIDS para a juventude. Dezesesseis estudos analisados por esta instituição indicaram que a abordagem do sexo nas escolas chegava a retardar a iniciação sexual. Mostrou-se também que, entre os jovens sexualmente ativos, a educação sexual levou a uma diminuição da atividade ou estimulou a adoção de práticas mais seguras. Este estímulo da OMS à Educação Sexual nas escolas se deve, provavelmente, aos índices alarmantes de infectados.

A sexualidade é “objeto” de diversos campos da ciência, mas no que concerne à educação a produção “científica” nesta temática ainda é escassa e, na sua maioria, reprodutora acrítica, do dizer de verdades postas por outros cientistas. No que se refere à questão da AIDS especificamente, os educadores, professores e as faculdades de educação, em sua maioria, não estão assumindo nem participando desta discussão, ficando à margem, apenas recebendo as informações sobre os efeitos da doença, vindas de outros profissionais e agentes sociais, que passaram a indicar a “Orientação sexual” como alternativa viável para debelar a doença. Assim,

ao se omitirem desta discussão, deixam espaço para que, correntes médico-higienistas, políticos oportunistas, entre outros desinformados, passaram a indicar a educação como saída possível para minimizar ou afastar o fantasma dessa doença que, por sua vez, além de outras, também é transmitida pelo contato sexual.

O que se é de lamentar é que novamente a sexualidade do homem é pensada pela educação (sexual), não como parte integrante de sua vida, de sua condição de cidadão, mas, como um dispositivo para atacar um momento histórico determinado principalmente pela doença. Como um dispositivo que tem como função principal, responder a uma urgência.

CAPÍTULO 3

A EROTIZAÇÃO DA MÍDIA

“Os jovens conhecem cada vez mais o mundo em que estão, mas quase nada sobre o mundo que são”.(CURY, 1958)

Quando poderíamos imaginar a algumas décadas atrás que teríamos tantas inovações tecnológicas como nos dias atuais? Nos últimos 50 anos tivemos mais desenvolvimento tecnológico do que em toda a história anterior da humanidade. Muito veio para melhorar a nossa vida e seríamos tolos se não percebêssemos as mudanças que conseguimos. As invenções que surgiram deixariam meu avô Augustinho, boquiaberto! Ele em sua matuta ingenuidade já não entendia a televisão... Costumava dar “boa noite” ao Cid Moreira, ao final do Jornal Nacional! E minha avó materna, que chorava copiosamente com o sofrimento da escrava Isaura! Além disso, diante de todas as “facilidades” do mundo moderno, ela achava que as mulheres não deveriam reclamar, pois, o arroz e o café estavam na lata e não se precisava buscar lenha para acender o fogo do fogão... É vó, com muitas coisas mais você deveria ficar espantada se estivesse viva agora...

Mas a tecnologia não surpreendia somente meus avós. Eu mesma, ao iniciar a faculdade, com que angústia me deparei com a primeira disciplina: Tecnologia e Educação com a Assistente Pedagógica Aimar Shimabukuro. Ao sair da primeira aula fiquei inquieta e ansiosa, pois, apesar de ter computador em casa, me recusava a sentar-me diante dele. Achava-me incapaz de aprender a lidar com algo tão complexo, repleto de teclas e botões para ligar e usar. Sentia-me também, um pouco

constrangida quando minha filha com então nove anos, tentava me ensinar a **ligar** o bichinho, e eu, não conseguia memorizar... Percebo agora que não considerava necessário, que não me era significativo! Dá para se imaginar então, a revolução que causou em mim essas aulas de tecnologia! Até minha auto-estima melhorou...E não é só pelo computador em si, essa caixinha cheia de teclas, e sim, por ele ter sido meu passaporte para um novo mundo, fazendo parte de minha evolução diária.

3.1- PROFESSOR X TECNOLOGIA

A sociedade impõe a necessidade de mudanças no processo de educação.

Muitos acreditam que os professores não conseguirão atravessar toda essa transformação tecnológica, sendo assim substituídos por máquinas, como vem acontecendo com muitos profissionais na área da indústria. Estando na era da informática, essa nova tecnologia que está dominando o mundo, e sabendo que, a cada minuto que passa, milhares de pessoas aderem aos novos conhecimentos, cada um de nós deve responder e responsabilizar-se pelos rumos tortuosos e pela falta de interesse dos nossos alunos. Precisamos nos reciclar, nos informar, irmos a busca do novo, nos tornando assim, capazes de enfrentar todas as mudanças que nos são apresentadas.

Inicialmente precisamos re-significar, entender e aceitar dentro de nós mesmos essas mudanças para depois, alcançarmos nossos alunos ajudando-os a enfrentar a competitividade a que serão expostos.

Acredito que a tecnologia vem sendo incorporada à prática docente de forma coesa, como instrumento e recurso adicional de trabalho, mas em momento algum substituirá o professor no processo educativo.

O professor será sempre o organizador, o planejador e o orientador do processo de ensino, e isso tecnologia não substitui.

3.2- TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

Não se concebe o mundo atual sem tecnologia. É impossível ignorar a importância e a penetração dos meios de comunicação em nossa sociedade. Graças a eles, a informação deixou de ser privilégio de poucos e transformá-la em conhecimento é um grande desafio.

Há, no entanto, um grande distanciamento dos meios de comunicação com a educação. Há muita informação, afinal, esta é a era da informação, mas pouca educação. Os meios de comunicação aparecem fortemente como um “agente educador” e deveriam ter um compromisso com a educação, com a realidade e a verdade, mas, freqüentemente, no que diz respeito à sexualidade apresentam um discurso padronizado e erotizante que, por vezes, reforça estigmas.

Em relação ao sexo e a sexualidade, a informação chega com uma “velocidade estonteante”. A era da modernidade se faz presente avidamente. Há o apelo sexual nas bancas de jornal, nas revistas especializadas, na televisão, na música, no rádio... Há o culto a um corpo magro, porém, e mais recentemente, um corpo saudável, estético, malhado. Há AIDS, há sexo pela Internet, onde os prazeres da carne estão disponíveis via modem. Temos, pois, diversos “agentes educadores sexuais”.

3.3 - A TELEVISÃO E A SEXUALIDADE

A família não costuma ser a primeira nem a principal fonte de informação e esclarecimento sobre sexualidade. A infância brasileira é exposta a erotização precocemente em novelas, *reality shows*, programas musicais e quadros de humor. De um lado, a superexposição do corpo e da sexualidade humana. Do outro, um imenso moralismo, que impede que o assunto seja discutido mais profundamente, formando consciências e opiniões. Os discursos avançam em velocidade vertiginosa, mas as atitudes continuam a faltar.

Fernando Sabino diz que a tv é o chiclete dos olhos: você para e fica. A tv tirou as horas de bate papo que a família tinha. (Aula magna, Profº Wesceslau – 2004).

Comerciais pagos pelo governo com o intuito de educar e informar entram, em horários nobres na televisão brasileira, ao mesmo tempo em que, também em horários nobres, a estimulação à falta de prevenção e a erotização ganham apelos maiores.

É surpreendente perceber que os telespectadores, talvez pelo stress do dia a dia, prefere se divertir a se informar. E temos que admitir: há tesouros que detectamos na tv a serem compartilhados com nossos filhos e alunos. A tv deve ser uma ferramenta de comunicação, de educação.

CAPÍTULO 4

RELIGIÃO E SEXUALIDADE

“Há um mundo a ser descoberto dentro de cada criança e de cada jovem. Só não consegue descobri-lo quem está encarcerado dentro do seu próprio mundo” (CURY, 1958)

A maioria das religiões ainda se recusa a enfrentar a sexualidade e novos paradigmas.

A sexualidade não se restringe ao ato sexual, nem tampouco aos órgãos sexuais, mas é um conceito amplo, que abrange também, dentre outros, os papéis de gênero, o erotismo, a sensualidade e outras funções do corpo humano, influenciando as relações entre as pessoas, o amor e a maneira como se constrói e entende o mundo. Inevitavelmente somos seres sexualizados e nossa forma de estar no mundo é inevitavelmente sexualizada.

A religião também é presença marcante em nossas vidas, e por ter funções de explicar o mundo e proporcionar um sentido para a vida, as religiões acabam também por determinar como devemos nos comportar na vida.

Então, deste encontro entre sexualidade e religião surgem as regras morais, códigos de conduta que determinam como as pessoas devem conviver para que a vida em sociedade seja possível. Os códigos de conduta – essa listagem interna de cada um sobre o que é adequado ou inadequado – são construídos no processo de socialização e, portanto estão intimamente ligados à cultura. Toda cultura cria valores, normas, sentidos.

Durante muitos séculos, a atitude de muitas religiões com relação à sexualidade humana foi muito negativa. A relação sexual esteve direcionada

unicamente para a procriação, e não para o prazer ou o sentimento que une dois seres. Muitas igrejas ainda ensinam que a mulher deve ser subordinada ao homem, por exemplo.

As igrejas cristãs crêem que a Bíblia é inspirada por Deus e é fonte principal da autoridade para a fé cristã. Por isso, o que ensina a Bíblia sobre vários temas, incluindo a sexualidade, é de grande importância, mas, não existe uma uniformidade de pensamento em relação às passagens bíblicas e freqüentemente isto causa muita confusão, levando algumas pessoas a interpretarem as Escrituras de maneira própria e particular e algumas vezes de forma irresponsável. Os textos bíblicos foram traduzidos para vários idiomas, cada qual segundo um estilo e forma literária de acordo com o tempo em que foi produzido e com um contexto cultural muito diferente de nossos dias. Diferenças culturais do passado bíblico geram hoje diferentes formas de visão dos textos, levando alguns cristãos, por exemplo, a dizerem quem é e quem não é realmente cristão. A tradução bíblica e a teologia diferem de igreja para igreja, mudando igualmente segundo as épocas. Nosso mundo, hoje, difere enormemente do mundo de cem, quinhentos e mil anos atrás. A escravidão que era tida como força imperativa de separação entre dominantes e dominados no passado, hoje é vista como uma monstruosidade, um atentado contra os direitos fundamentais da pessoa humana. O mundo mudou, naturalmente, mas e as igrejas? E o que são as igrejas senão homens, passíveis de falhas e imperfeições? Muitos se esquecem disso e se negam a abrir os olhos, ou viram as costas, achando que as situações podem assim se resolver.

É claramente visível a influência da religião na vivência da sexualidade nos dias atuais. E se não discutirmos os aspectos éticos, não poderemos cumprir nossa função social de agentes participantes e transformadores.

CAPÍTULO 5

ESCOLA: LOCAL PROPÍCIO PARA DISCUSSÃO?

Planejamento e Ação Pedagógica

“O que faz a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro”.

(Mia Couto)

As escolas não primam pela qualidade das ações pedagógicas de orientação e prevenção, mas, as lacunas da família que pelos preconceitos e tabus são impedidas de conversarem com seus filhos, podem ser preenchidas pela instituição escolar, apesar de muitos não aceitarem que a educação sexual seja responsabilidade da escola.

Sabe-se que dentro da escola a educação sexual ainda é um elemento estranho, principalmente porque mexe com a cabeça e o corpo de todos.

O trabalho de Orientação Sexual nas escolas implica em planejamento e ações pedagógicas sistemáticas, que envolvem espaço no currículo escolar.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), criados pelo Ministério da Educação há os Temas Transversais, onde os conteúdos relacionados à sexualidade estão incluídos. Estes conteúdos seriam ministrados dentro das disciplinas regulares. É sabido, no entanto, que algumas trabalham o tema e outras não.

Os desafios passam pela instrumentalização, comprometimento, contextualização de todos os profissionais da educação e de toda comunidade escolar. É preciso trabalhar com orientações e formação de consciências, além da informação; precisamos nos aproximar daquilo que é real ao aluno.

Socióloga e pesquisadora da UNESCO, RUA (2001), constatou:

“Que apesar de constar nos currículos, a oferta das ações pedagógicas de sexualidade e saúde reprodutiva tende a ser, na prática, voluntarista e pouco institucionalizada nas escolas”.

Em outras palavras: propostas que na verdade não saem do papel.

Falar de sexualidade nos dias atuais nos parece mais fácil de que no passado. Houve com o passar do tempo, maior abertura no controle, na repressão e na diminuição da ignorância sobre este tema. Mas ainda, carregamos a sexualidade com mitos que por vezes são responsáveis pelos traumas, fracassos e distúrbios emocionais provenientes de nossa cultura. Os preconceitos ainda acontecem e nas mais variadas relações de poder existentes na sociedade, do pai para o filho, do homem para a mulher, do professor para o aluno, do médico para o paciente, do governo para a população, etc. Desta maneira, a sexualidade manifesta-se por ser um dos elementos mais eficazes de controle sobre o sujeito e a sociedade através dos tempos.

Assim, muitos pontos da prática pedagógica são questionáveis. Os principais são:

- Porque ensinar Educação Sexual?
- Como podemos ter êxito nestas questões?
- Qual o perfil ideal do educador para tal tema?

Assim, ensinar Educação Sexual é estar atento aos apelos consumistas de nossa atual sociedade, bem como fazê-la de uma forma que certos tabus que são passados ao longo do tempo, sejam quebrados ou ao menos questionados. Na prática pedagógica, debates sobre o tema sexualidade, auxiliarão para que se construa ou recrie uma linguagem livre de vícios ou até mesmo de idéias estereotipadas e depreciativas sobre o assunto.

Para se obter êxito nas questões ligadas à sexualidade, devemos repensar que a escola é por si própria um local adequado ou até mesmo indispensável para trazer o assunto à tona, porém não de forma como muitas instituições o fazem. A escola muitas vezes se restringe à transmissão de conhecimentos puramente acadêmicos como se estivesse desconectado das demais produções humanas.

O trabalho de Orientação Sexual nas escolas não deve ser tratado como um fenômeno episódico, como uma palestra ou uma semana especial de atividades, mas de abrir um debate de canal permanente, com as crianças e adolescentes, acerca das questões da sexualidade.

No contexto educativo, se faz necessária uma ação pedagógica ampliada e a interdisciplinaridade pode ser colocada em prática como grande auxiliar que o é da educação.

Neste contexto a escola se apresenta como um microespaço de poder, onde se fala em sexo, informando, por exemplo, como se constitui anatomicamente a genitália feminina e masculina, suas funções biológicas e reprodutivas, fala-se sobre

o uso de contraceptivos e prevenção da gravidez, sobre a prevenção das DSTs e AIDS. São questões importantes que devem sim ser discutidas, mas não isoladamente. Devem estar associadas a um contexto, a uma análise global. Não devem ficar relegadas ao último bimestre de aula para que seja debatida de maneira rápida e superficial, para que não haja tempo hábil de se aprofundar e trazer a tona questionamentos importantes da vivência do aluno, de seu contexto sócio-cultural, que não é imutável nem eterno.

Para compreendermos a sexualidade em sua dimensão existencial desprovida dos ranços de uma falsa ética e moralidade, parece essencial desvendá-la à luz de sua própria história para percebê-la como um processo dinâmico e original representativo de um contexto sócio-político e cultural. Assim, é inegável contestar-se a importância do projeto político pedagógico no contexto educacional. Ele representa o fazer coletivo da escola. Neste processo em que o compromisso com a transformação se faz presente, incluir a temática da sexualidade nas discussões talvez possa ser o ponto de partida para a construção de um trabalho de superação da realidade atual, ampliando-se o conhecimento escolar. Através da interação do grupo, certamente surgirão propostas pródigas e condizentes com a necessidade e a peculiaridade da escola, facilitando o fazer pedagógico no sentido de abrir horizontes para a emancipação.

No contexto escolar, através da prática pedagógica, tem-se a expectativa de que estudos contribuem para uma reflexão acerca da postura de pais e educadores diante da sexualidade, buscando sempre a superação da opressão, do preconceito e da marginalização.

A escola tornou-se uma ferramenta de dominação e controle ideológico.

A formulação dos discursos sobre sexualidade ainda está longe de uma intervenção ética, política e histórica no que diz respeito à educação sexual. Percebe-se uma intensa confusão entre liberação de costumes e emancipação sexual. Falar de e sobre sexo, discutir seus limites e aplicar técnicas informativas é essencial nos espaços escolares.

Na prática pedagógica, deve-se procurar o fazer coletivo de forma constante, onde ocorra a valorização humana que impere contra a rigidez da repressão, ao mesmo tempo em que se enaltece o amor próprio e a conscientização do todo. Faz-se necessária uma educação igualitária e justa, que valoriza acima de tudo a cidadania e o respeito às diversidades.

5.1- FORMAÇÃO DO PROFESSOR

A Orientação Sexual nas escolas requer quebra de paradigmas, não somente por parte dos pais. Professores se sentem inseguros para abordar temas relacionados à sexualidade. Precisam quebrar barreiras sociais e pessoais a eles impostas. Falar de sexualidade não é uma tarefa fácil para qualquer pessoa, pois, falar da sexualidade do outro é falar de si, é se colocar em dúvidas, é se repensar concepções, valores e preconceitos.

Na escola, o professor tem papel fundamental no que se refere à sexualidade dos alunos. Na concepção de FOUCAULT (2003), o professor também é um agente de poder. Mas há um despreparo por parte do professor e da escola e é necessário que primeiramente a educação sexual seja aceita por estes.

DALL ALBA (1999) fala que este despreparo da escola em lidar com a sexualidade acaba por gerar um drama para o professor quando ele tem que tratar

a questão das manifestações sexuais. Tais conceitos distorcidos do fato constituem-se na “lente”, através da qual o professor busca compreender as manifestações sexuais de seu aluno. Deste modo, o preconceito deforma a visão da sexualidade, levando a uma exacerbação dos seus aspectos negativos.

Sendo a sexualidade algo que se constrói e se aprende, parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir da alfabetização ao desenvolvimento escolar, a escola não pode ignorar essa dimensão do ser humano e tem que investir na formação do professor, para que este possa dar conta do recado.

Há projetos, programas e planos na área de educação sexual, porém muitos são abandonados pelos mais diversos motivos:

- pela troca de governo;
- por não serem aceitos pela comunidade onde se situa a escola;
- por sua metodologia de trabalho deixar a desejar no que se refere à explicação aos professores do que se pretende;
- pelo fato de serem impostos aos professores;
- pela resistência por parte do professor e de outros agentes educadores existentes na escola em falar sobre sexualidade.

Normalmente os projetos oficiais pretendem “treinar”, “capacitar” professores, educadores e a família através de cursos, palestras, panfletos e vídeos, além da distribuição de material informativo impresso, muitas vezes cartilhas ilustradas pelo Ministério da Saúde, ou produzidas por ONGs, com financiamento de terceiros.

Não existe uma licenciatura em sexologia que forme os professores dos nossos sonhos. Inicialmente porque trabalhamos com alunos reais, que tem histórias e experiências de vida escolar e não escolar, qualidades e dificuldades

distintas. Depois, porque lidar com essa diversidade exige maturidade, que é adquirida somente com experiência profissional, reflexão sobre a prática e melhor capacidade de tomar decisões a respeito de situações novas, que surgem no cotidiano. Seria necessário que os professores tivessem acesso a grupos de trabalho nos quais eles pudessem sustentar seu desenvolvimento através de questões reais e que fossem relevantes para sua prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria de nós, pais e professores, nascemos à sombra de regimes autoritários, formando assim uma geração reprimida, onde o sexo era visto como obsceno e imoral. O espaço familiar era muito limitado para a discussão sobre o assunto. Na escola o assunto também era relegado, ficando as poucas informações a cargo da disciplina de Ciências, quando o professor não resolvia pular as páginas sobre o tema, ou fazia do tema apenas uma aula de anatomia.

Podemos então deduzir nossa dificuldade em abordar o tema com a naturalidade necessária, visto que não fomos preparados, omitindo-se assim no esclarecimento de dúvidas e curiosidades dos filhos/alunos, que conseqüentemente estarão repletos de conflitos, em uma sociedade globalizada que anda a passos largos na homogeneização ou isolamento de certas culturas.

Novos ventos sopram e a necessidade de participar da formação sexual da criança e do jovem está presente em todos os momentos, como parte integrante do desenvolvimento global de toda a sociedade. Devemos quebrar barreiras de convivência e proporcionar uma formação íntegra e crítica acerca do processo de desenvolvimento emocional e formação do sujeito histórico.

Para que a sociedade desenvolva de forma satisfatória o seu papel de expectador ativo no tangente à (re) produção e transformação de valores e crenças, a escola tem como função social formar cidadãos críticos, que constroem a sua própria história, nos diversos aspectos da relação humana.

Faz-se necessário um projeto educacional sério, que promova a capacitação permanente dos educadores, e também investimentos em projetos que tratem a

problemática sócio/sexual dos jovens e das famílias. Não basta oferecer apenas informações; é necessário um trabalho conjunto em todas as esferas de poder, oferecendo e dando apoio que eles necessitam, para que as atitudes quanto ao comportamento sexual não chegue a níveis alarmantes.

É preciso que os diversos organismos envolvidos se sensibilizem no pensar/repensar o papel da escola como conhecimento responsável pelo desenvolvimento político, econômico e social de uma nação. A escola não deve ser uma engrenagem mecânica pronta para modelar a originalidade do educando numa falsa miragem ideológica de que todos são iguais. Deve ainda, oferecer subsídios teóricos e práticos no campo do conhecimento, a fim de contribuir para uma reflexão conjunta no meio educacional, diante da importância de se usar a sala de aula como espaço de construção do conhecimento para o alcance pleno da sexualidade do indivíduo e de sua cidadania, a fim de que se sintam conscientes a ponto de construir suas próprias histórias de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. G. Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens. – **Petrópolis, RJ: Vozes, 6^a ed., 2000.**

CHAUÍ, M. Repressão Sexual. **São Paulo: Brasiliense, 1984.**

CURY, A. J. (1958) Pais Brilhantes, Professores Fascinantes. – **Rio de Janeiro: Sextante, 7 ed., 2003.**

DALL´ALBA, L. Educação Sexual: A construção da autonomia. **São Paulo: 1999.**

DAVIES, N. Legislação Educacional Federal Básica. **São Paulo: Cortez, 2003.**

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão; tradução de Raquel Ramallete. **Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. 288p.**

FOUCAULT, M. História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber. **15^a edição. São Paulo: Graal, 2003 (a).**

FOUCAULT, M. História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres. **10^a edição. São Paulo: Graal, 2003 (b).**

GOLDBERG, M. A. A. Educação Sexual: Uma Proposta, um Desafio. **4^a edição. São Paulo: Cortez. 1988.**

RUA, M. G. Sexualidade: Mitos e Tabus. Revista Educação. **São Paulo: 2004.**

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, J. G. **Sexualidade na Escola, Alternativas Teóricas e Práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1.999.

BARROSO, C; BRUSHINI, C. **Sexo e Juventude: Como Discutir a Sexualidade em Casa e na Escola**. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 1.991.

BRANDÃO, C. F. **LDB Passo a Passo**. São Paulo: AVERCAMP, 2.003.

GAIARSA, J. A. **Poder e Prazer: O Livro Negro da Família, do Amor e do Sexo**. São Paulo: Agora, 1.986.

NUNES C. **Desvendando a Sexualidade**. Campinas/SP: Papirus, 1.987.

NUNES, C.; SILVA, E. **A Educação Sexual da Criança**. São Paulo: Autores Associados, 1.988.

RIBEIRO, C. **A Fala da Criança Sobre Sexualidade Humana: O Dito, o Explícito e o Oculto**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 1.996.